

Os frescos do Paço de Vila Viçosa, um ciclo artístico de dimensão internacional

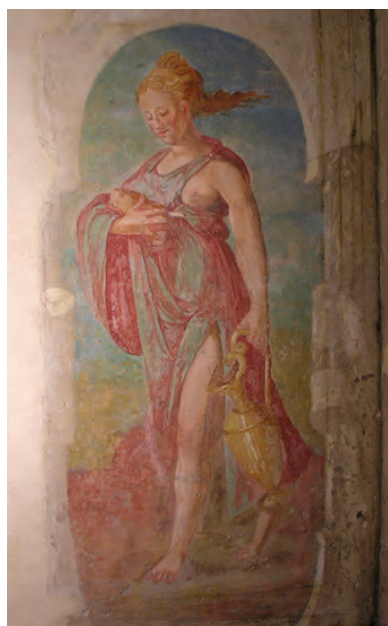
Sabe-se, fruto de recentes estudos, que Portugal conserva muitos conjuntos murais do fim da Idade Média e da Idade Moderna, em número que supera as cinco centenas (muitos deles, há que convir, de valia meramente localizada) e com casos excepcionais em que a execução é erudita e atinge bitola internacional. Um desses casos é, sem dúvida, o dos frescos dos sécs. XVI-XVII que a Casa de Bragança custeou no Paço de Vila Viçosa e noutros espaços sacros e civis da próspera vila alentejana. Trata-se de obras de forte efeito cenográfico dentro da tradição do Maneirismo italiano que se pode comparar sem exagero aos frescos que, pelos mesmos anos, Filipe II promovia nos palácios de Castela recorrendo a pintores de corte (com Gaspar Becerra no Pardo) ou a italianos que chamou para a obra do Escorial (os

A edição recente, pela Fundação da Casa de Bragança, do livro *O Fresco Maneirista do Paço de Vila Viçosa, Parnaso dos Duques de Bragança (1540-1640)*, vem revelar ao grande público um dos mais interessantes (e menos conhecidos) conjuntos de pintura a fresco e a têmpera do património nacional – dando a conhecer os seus mecenas e programas artísticos, os artistas envolvidos, e os processos de recuperação, conservação e restauro de que foram alvo.

genoveses Luca Cambiaso, Fabrizio Castello e Niccoló Granello, o florentino Rómulo Cincinatto e o bolognês Pellegrino Tibaldi). Vemos esse requintado gosto em palácios no Viso del Marqués (de D. Álvaro de Bazán, marquês de Santa Cruz), Guadalajara (duques do Infantado), Tudela (do marquês de San Adrián), Tarazona (Palácio Guarás), Trujillo,

Cáceres e, como agora se constata, também em terras lusas como Évora (Condes de Basto) e Vila Viçosa (Bragança).

Neste contexto histórico-artístico, destacam-se os autores das melhores intervenções de Vila Viçosa, hoje bem identificados: Francisco de Campos (fal. 1580), que serve o 5.º Duque D. Teodósio I; Giraldo



A figura feminina – Alegoria à Temperança – antes da remoção de repintes, após remoção de repintes e concluída a intervenção



A descida da cruz (pormenor – Cristo e S. João Evangelista) – antes da remoção de repintes, após remoção de repintes, durante a intervenção de tratamento e concluída a intervenção

Fernandes de Prado (fal. 1592), cavaleiro-pintor do 7.º, D. Teodósio II; André Peres (fal. 1637), escudeiro-pintor do mesmo Duque; e Tomás Luís, autor de frescos na Sala de Medusa, Oratório de D. Catarina e gallerietta de D. Ana de Velasco (1602-03). Estes pintores ao serviço dos Bragança foram identificados pela investigação recente a par do moroso processo de restauro desses ciclos, na sua maioria do tempo do 6.º e 7.º Duques, D. João I (1543-1583) e D. Teodósio II (1568-1630). Pode ser revalorizado em termos turístico-culturais este notável ciclo de fresco erudito produzido para o mercado calipolense com grotescos, falsos *stucchi*, esfinges, *quadri ripor-*

tati de cenas histórico-mitológicas e alegórico-narrativas, medalhões e uma estrutura dos espaços dentro da tipologia clássica romana. Na segunda metade do séc. XVI, Vila Viçosa era uma espécie de Parnaso das artes e letras e era vista, como escreve Francisco Rodrigues Lobo (1619) já em tempo de União Ibérica, como a verdadeira ‘Corte na aldeia’. A erudição dos ciclos de fresco sobreviventes, que enaltecem a antiguidade dos Bragança e legitimam a Casa Ducal pela fama, heroísmo e virtudes, mostra como, depois de 1580, a vila era vista como ‘capital alternativa’ do Reino e referencial de resistência política. Nesse sentido, é de admirar o

grande fresco da escadaria paça com a Tomada de Azamor pelo 4.º Duque D. Jaime I em 1513, pintado por André Peres cerca de 1600. Este mundo humanístico, definido por Moraes Sardinha (1618) como «famoso & antiquissimo Parnaso», era célebre pelos saraus musicais, tertúlias literárias, festas, teatro, caçadas na Tapada, etc.. Quando admiramos as pinturas que nos chegaram em alas do Paço (o antigo Oratório de D. Teodósio I, recém-intervencionado, com frescos e estuques postos a descoberto; as Salas de Medusa e de David; as Câmaras de Música; a gallerietta de D. Ana de Velasco; o Oratório de D. Catarina) e em espaços sacros (igre-

Paço do Reguengo, a construção de mosteiros, etc.. Fiel à divisa 'Depois de Vós, Nós,' pensou a sede da Casa como «uma perfeita vila ducal renascentista» no dizer de Rafael Moreira. Aquando do casamento de sua irmã D. Isabel com D. Duarte, irmão de D. João III, em 1537 (entendido como promoção da Casa de Bragança), o Duque ampliou as «casas velhas» de seu pai D. Jaime I e construiu parte do corpo fronteiro. Seu neto D. Teodósio II ultimou a monumental fachada do palácio (1583-1603) com traças de Nicolau de Frias, ao gosto escurialense. Foi agora intervencionado o antigo Oratório de D. Teodósio I com frescos e estuques da segunda metade do séc. XVI, incluindo restos da campanha de Francisco de Campos. Esses murais, cobertos por frustrados repintes só agora removidos, oferecem um ciclo com cenas da Paixão de Cristo envolvidas por uma espécie de moldura que borda o friso com *stucchi* de mascarões e integra uma surpreendente grisalha com *putti*, filacteras, máscaras, volutas fingidas e centauros em contraposto a segurarem panos, num exercício neoplatónico de óptimo gosto maneirista, ao modo de Giovanni da Udine. Estes são obra de Giraldo de Prado, cavaleiro-pintor, iluminador e calígrafo da Casa de Bragança, autor também dos magníficos frescos de grottesco da igreja de Santo António, que foi oratório ducal.

As pinturas a fresco que em 1602-1603 foram feitas pelo lisboeta Tomás Luís nas «casas novas» de Teodósio II (Sala de Medusa, Oratório de D. Catarina e gallerietta de D. Ana de Velasco) abrem-se ao fascínio da fábula, da mitologia ovidiana e da alegoria moral, em clara gratulação da Casa de Bragança. No Oratório, estão pintadas as empresas da duquesa D. Catarina, entre referências cristológicas e neo-pla-




Detalhe dos estuques do oratório de D. Teodósio I

tónicas, exaltam-se as virtudes dos Bragança, principal casa do Reino, os seus feitos militares e virtudes no campo das artes e letras. Tomando a épica e a mitologia como parangonas familiares, os frescos elogiam a Fama e a Prudência como trunfos de uma casa aristocrática com pergaminhos e, mais que isso, com pretensões políticas – que seriam finalmente reconhecidas em 1640, como se sabe.

É justo lembrar que já em 1949 o Conservador responsável pela então Biblioteca-Museu de Vila Viçosa, Dr. João de Figueiredo, chamava a atenção para os «frescos renascentistas» (sic) do Paço, dizendo que «são raras no nosso país as pinturas murais antigas, e muito raros os frescos. Ao Paço de Vila Viçosa coube a fortuna de possuir, talvez, os mais preciosos que existem em Portugal...». A ele e ao Arquitecto Raul Lino se deveu o encargo da primeira limpeza e remoção de repintes da Sala de Medusa, Oratório de D. Catarina e o chamado «Gabinete Pequeno» (a gallerietta de D. Ana de Velasco), a cargo dos restauradores Lauro Corado e António Martins Gomes, sendo observado já que todas essas campanhas se deviam ao mesmo artista e época: «apareceram (na Sala de Medusa) os finos frescos primitivos, tão belos como os do Oratório e os do Pequeno Gabinete (datado de 1602) e, sem dúvida,

feitos todos pelo mesmo pintor e na mesma época». A referência de João de Figueiredo mostra a sensibilidade que existia no seio da Fundação da Casa de Bragança para revalorizar os frescos; todavia, os interesses da museologia do tempo, e os gostos dominantes nos círculos de *connoisseurs*, não eram propriamente dirigidos para a pintura maneirista e, muito menos, para as decorações de grottesco com suas caprichosas simbologias profanas, pelo que a análise deste ciclo de frescos nunca mais fora tida como objectivo de estudo.

O que é bem extraordinário, afinal, é que tenham chegado aos nossos dias em Vila Viçosa, documentados e com largos trechos incólumes, tantos e tão valiosos testemunhos de uma fase tão rica – e internacionalizada – da pintura fresquista portuguesa, onde a qualidade plástica é por demais evidente e onde os acentos histórico – mitológico e alegórico – moralizante dos seus programas são tendências caracterizadoras absolutas. 

NOTA

¹ Das intervenções realizadas importa realçar as efectuadas na Escadaria, 1995, no Templete/Capela do Calvário na Horta, 2002/03, na *Gallerietta* de D. Ana de Velasco y Girón, 2004, na Ermida de Santo Eustáquio da Tapada, 2004/05 e no Oratório de D. Teodósio I e Capelinha de S. João Evangelista no Convento das Chagas, 2007/08.

Outras intervenções de obra nova foram realizadas em espaços como a Sala do Correio, 2002 e a Sala dos Paramentos, 2003/04.

VÍTOR SERRÃO,
Prof. Catedrático da Faculdade
de Letras de Lisboa
JOSÉ ARTUR PESTANA,
Mural da História